

Investigação Narrativa: construindo novos sentidos na pesquisa qualitativa em educação

Nara Caetano Rodrigues
& Guilherme do Val Toledo Prado

Resumo

A produção de conhecimento na esfera científica vem sofrendo transformações, nas últimas décadas, com o advento da discussão sobre novas possibilidades de fazer pesquisa qualitativa em ciências humanas. Nesse sentido, a pesquisa narrativa autobiográfica surge como uma perspectiva que abre espaço para ressignificar o conhecimento produzido e a aprendizagem experienciada no processo de investigação. Nosso objetivo aqui é apresentar uma reflexão sobre o fazer pesquisa qualitativa no âmbito da universidade, tendo por opção teórico-metodológica a investigação narrativa autobiográfica. Para tanto, tomamos como material de análise a dissertação de mestrado de Proença (2014). Em um primeiro momento, nosso foco recai sobre as escolhas da autora no que se refere à arquitetura do seu texto e, em um segundo momento, a partir de excertos de sua dissertação, procuramos apreender alguns sentidos atribuídos por Proença à experiência vivenciada na pesquisa. Constatamos que a potencialidade da narrativa, enquanto procedimento teórico-metodológico, favorece a explicitação do vivido como também possibilita a teorização do vivido, transformando-o em conhecimento acadêmico. Além disso, podemos perceber que a autora/narradora se transforma como pessoa e profissional, ao ver sua narrativa dar novos sentidos ao seu trabalho.

Palavras-chave:

pesquisa qualitativa; produção de conhecimento; investigação narrativa.

Narrative investigation: building new meanings in qualitative research on education

Abstract: The production of knowledge in the scientific sphere has undergone changes in recent decades, with the advent of the discussion about new possibilities of doing qualitative research in humanities. In this sense, autobiographical narrative research emerges as a perspective that allows for reframing produced knowledge and experienced learning in research processes. Our goal here is to present a reflection on performing qualitative research within the university environment, adopting as a theoretical and methodological approach the autobiographical narrative research. For this, we take as material for analysis the master's thesis of Proença (2014). At first, we focus on the author's choices regarding the architectonics of her text. Afterwards, based on excerpts of her thesis, we try to apprehend some meanings attributed by Proença to the experiences in the research. We observe that the potential of narrative, as a theoretical-methodological approach, favors the revelation of living but also enables the conceptualization of living, turning it into academic knowledge. Moreover, we can see that the author/narrator undergoes a change as a person and professional when she sees her narrative give new meanings to her work.

Keywords: qualitative research; knowledge production; narrative investigation.

Recherche avec des narratives: construction des sens nouveaux pour la recherche qualitative en éducation

Résumé: Depuis les dernières décénies, la production de connaissances dans le champ scientifique est en plein mouvement de transformation, à partir de l'installation des discussions sur les possibilités de faire recherche en sciences humaines. C'est dans ce contexte que la recherche avec des narratives autobiographiques apparaît en tant qu'un horizon qui permet la ressignification de la connaissance produite et des apprentissages dans l'expérience, dans le processus de construction de recherches. Notre objectif ici est de présenter une réflexion sur la recherche qualitative faisant sein de l'université, à l'approche théorique et méthodologique à la recherche de récit autobiographique. Prendre comme matériau pour l'analyse de la thèse Proença (2014). Dans un premier temps, nous nous concentrons sur les choix de l'auteur à l'égard de son texte architectural, et une deuxième étape, à partir des extraits de sa thèse, nous appréhendons certaines significations attribuées par Proença que l'expérience en matière de recherche. Nous notons que le potentiel du récit comme une approche théorique et méthodologique, favorise l'explicitation de la vie, mais permet également à la conceptualisation de la vie, le transformant en connaissances académiques. En outre, nous pouvons voir que l'auteur/narrateur devient comme une personne et professionnel, pour voir son récit pour donner de nouvelles significations à son travail.

Mots clés: recherche qualitative; production de la connaissance; recherche avec des narratives

Investigación Narrativa: creación de nuevos sentidos en la pesquisa cualitativa

Resumen: La producción de conocimiento en la esfera científica pasa por transformaciones, en las últimas décadas, con el surgimiento de la discusión sobre las nuevas posibilidades de se hacer una pesquisa cualitativa en ciencias humanas. De esa forma, la pesquisa narrativa autobiográfica es una perspectiva que abre espacio para resignificar el conocimiento que se produce y el aprendizaje que se experiencia en el proceso de investigación. Nuestro objetivo es presentar una reflexión sobre el hacer pesquisa cualitativa en el ámbito de la universidad, basada teórico-metodológicamente en la investigación narrativa autobiográfica. Para eso, utilizamos como material de análisis la disertación de Máster de Proença (2014). En un primer momento, nuestro foco recae en las elecciones de la autora en lo que se refiere a la arquitectónica de su texto y, en un segundo momento, a partir de los extractos de su disertación, buscamos aprehender algunos sentidos atribuidos por Proença a la experiencia vivida en la pesquisa. Constatamos que la potencialidad de la narrativa, como procedimiento teórico-metodológico, favorece la explicitación de lo vivido y también posibilita la teorización de lo vivido, transformándolo en conocimiento académico. Además de eso, nos damos cuenta de que la autora/narradora se vuelve como persona y profesional, al percibir que su narrativa propone nuevos sentidos a su trabajo.

Palabras clave: pesquisa cualitativa; producción de conocimiento; investigación narrativa.

1. Introdução

A esfera científica é uma das esferas mais relutantes em aceitar novidades no que diz respeito às produções discursivas relacionadas às pesquisas desenvolvidas pelos sujeitos que adentram o universo das instituições acadêmicas. A concepção positivista de fazer pesquisa legitimou um certo *modus operandi* formatado a partir de uma perspectiva hermética de fazer pesquisa, seguindo determinada orientação epistemológica, que, entre outras coisas, postula a neutralidade do pesquisador, não permitindo a emergência da subjetividade na relação com os demais participantes da pesquisa.

Além disso, para garantir uma certa isonomia e uniformidade na produção acadêmica, são estabelecidas normas que definem quais gêneros atendem às exigências de padronização da produção de conhecimento, seja por órgãos de fomento de âmbito nacional e fundações de amparo à pesquisa estaduais e/ou municipais ou por entidades privadas como a Associação Brasileira de Normas Técnicas¹ (ABNT).

Os órgãos de fomento funcionam como reguladores dessa padronização, na medida em que são os responsáveis pela avaliação de mérito e, para o apoio financeiro às pesquisas, tomam como critérios o atendimento aos padrões convencionados pela comunidade científica, dentre eles, a normatização definida pela ABNT².

O ponto de partida para a escrita desse artigo é a problematização da opção pela narrativa autobiográfica para o desenvolvimento de investigações na área de educação, como princípio constitutivo da construção de conhecimento, pautado em outros *modus operandi*. Essa prática vem sendo adotada por um grupo de pesquisadores de uma universidade estadual brasileira, na realização de suas pesquisas de mestrado e doutorado, há mais de duas décadas.

É Walter Benjamin (1987), em obra traduzida e publicada na década de 1980, que destaca a importância da arte de narrar, a qual, segundo o autor, encontra-se em vias de extinção. Para ele, os narradores tomam como fonte para suas histórias a experiência que passa de pessoa para pessoa e o ouvinte/leitor/interlocutor, a partir da experiência narrada, depreende um conselho a que o autor denomina "sabedoria". Entretanto, como ainda vivemos um momento em que as experiências estão em baixa, devido à centralidade da informação, parece que os homens estão perdendo sua capacidade de intercambiar experiências, como indicava Benjamin.

A informação só vale enquanto é nova, como podemos confirmar na velocidade com que a mídia (impressa, virtual, televisiva...) trata de atualizar, em tempo real, os últimos acontecimentos no mundo. Por outro lado, a narrativa "conserva

suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”, de nos passar conselhos, ensinamentos, sabedoria (Benjamin, 1987, p. 204). Daí seu valor na produção de conhecimento, ressignificado hoje na escolha discursiva para o desenvolvimento de investigações na esfera da universidade/escola, que é o foco de nossa reflexão aqui.

Para tanto, em um primeiro momento, buscamos alguns autores que têm desenvolvido reflexões acerca da utilização de narrativas como método de investigação em educação (Bolívar, 2002; Galvão, 2005; Rabelo, 2011) e como possibilidade para o desenvolvimento pessoal e profissional, na formação de professores (Reis, 2008; Prado e Soligo, 2014).

Em um segundo momento, analisaremos a dissertação de mestrado de Proença (2014), com a finalidade de compreendermos alguns dos significados atribuídos pela pesquisadora à sua narrativa autobiográfica e os efeitos desta produção narrativa em seu desenvolvimento pessoal e profissional como assessora na formação de professores.

2. Narrativa autobiográfica: a experiência como produção de conhecimento

Bolívar (2002) postula que, a partir dos anos setenta, a perspectiva interpretativa em ciências sociais, na qual os significados dos atores passam a ser o foco central das investigações, começa a se consolidar como forma valiosa de construir conhecimento em áreas de investigação como a sociologia, a antropologia-etnografia e a psicologia, por exemplo. Para o autor,

Se entenderán los fenómenos sociales (y, dentro de ellos, la educación) como “textos” cuyo valor y significado, primariamente, vienen dados por la auto-interpretación que los sujetos relatan en primera persona, donde la dimensión temporal y biográfica ocupa una posición central. (Bolívar, 2002, pp. 42-43).

Discutindo a importância da investigação narrativa na educação, Rabelo esclarece que, para além de um estilo de escrita, a narrativa organiza a experiência, pois “O que se transmite com as narrativas é o grupo de regras pragmáticas que constitui o vínculo social, encontrando a matéria desse vínculo não só na significação dos relatos, mas no próprio ato de sua narração.” (Rabelo, 2011, p. 3).

O possível equívoco quanto à limitação da narrativa à estratégia metodológica é também dirimido por Galvão, quando traz o pensamento de Connelly e Clandinin (1990), que defendem que o “fenômeno constitui a história, enquanto o método que a investiga e a descreve se concretiza numa narrativa” (Galvão, 2005, p. 328).

Bolívar, citando o trabalho de Bruner (1988), ressalta que a narrativa não é só uma metodologia, mas uma forma de construir a realidade, uma vez que a metodologia está ancorada em uma ontologia.

A generalização, a objetividade e a distância entre investigador e investigado, tão privilegiadas nas pesquisas positivistas não fazem sentido na investigação narrativa a qual “assume-se como subjetiva e valoriza essa mesma subjetividade na tentativa de compreensão da realidade” (Reis, 2008, p. 5), possibilitando que os participantes falem de si a outros implicados em compreender as experiências vividas.

Para Bolívar, a subjetividade é uma condição necessária do conhecimento social, pois

La narrativa no solo expresa importantes dimensiones de la experiencia vivida, sino que, más radicalmente, media la propia experiencia y configura la construcción social de la realidad. Además, un enfoque narrativo prioriza un yo dialógico, su naturaleza relacional y comunitaria, donde la subjetividad es una construcción social intersubjetivamente conformada por el discurso comunicativo. El juego de subjetividades, en un proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento (Bolívar, 2002, p. 43).

Assim, a narrativa é uma prática discursiva que viabiliza a atribuição de sentido às vivências, uma vez que é, ao mesmo tempo, um objeto de estudo, um método de investigação e uma forma de organização do relatório de investigação (Reis, 2008). Já Galvão (2005), ao analisar narrativas de professoras em início de carreira, aponta como potencialidades da narrativa três processos: investigação em educação, reflexão pedagógica e formação.

Nas investigações narrativas desenvolvidas no grupo de pesquisa em questão, tais aspectos são contemplados no memorial de formação, o qual é parte constitutiva das dissertações e teses e pode ser assim caracterizado:

Num memorial de formação, o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/ personagem da sua história. De modo geral, podemos dizer que trata-se de um texto em que os acontecimentos são narrados geralmente na primeira pessoa do singular, numa sequência definida a partir das memórias e das escolhas do autor, para registrar a própria experiência e, como todo texto escrito, para produzir certos efeitos nos possíveis leitores. (Prado; Soligo, 2014, pp. 7-8).

Os autores esclarecem, ainda, que

o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível, não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano. (Prado; Soligo, 2014, p. 9).

No que se refere à geração de dados, Rabelo destaca que o critério para a escolha dos dados é a sua correlação com o foco da história a ser contada, pois, a partir da delimitação do estudo, se faz o recorte dos dados necessários para o enredo. (Rabelo, 2011, p. 13). Não é necessário incluir todos os dados no relato final, uma vez que cabe ao pesquisador “coletar casos individuais não para generalizar, mas para efetuar analogias” (Rabelo, 2011, p. 8).

Retomando o estudo de Bruner (1988), o qual apresenta dois modos de produção de conhecimento científico: o paradigmático e o narrativo, Bolívar (2002, p. 48-50) ressalta que, dado seu caráter de objetividade e ênfase na categorização e abstração, o modo paradigmático é mais coerente com as investigações de cunho quantitativo, podendo também ser utilizado em investigações qualitativas. Por outro lado, o modo narrativo apresenta-se como mais coerente com os desenhos qualitativos de investigação, considerando que não se parte de categorias prévias; a partir da análise dos dados, emergem categorias que podem possibilitar o encontro de regularidades ou emergem elementos singulares que configuram a história de cada sujeito investigado.

Assim, no que diz respeito à relação entre os sujeitos participantes da pesquisa, a narrativa possibilita o encontro entre duas narrativas: a dos participantes e a do investigador (Rabelo, 2011), uma vez que “implica a recolha de diferentes vozes, a interpretação dessas vozes e a construção de uma história” (Reis, 2008, p. 6).

Vale ressaltar que, para Bolívar (2002, p. 50), o modo como se analisam os dados é uma forma distinta de fazer emergir a teoria, sendo este o diferencial maior na caracterização da pesquisa qualitativa de cunho narrativo, para além do modo como se recolhem os dados (notas de campo, observação participante, entrevista...), também relevantes.

3. A escrita narrativa em perspectiva

As interações que viabilizam a comunicação, nas mais diversas esferas de atividade humana, vão se estabelecendo à medida em que os grupos veem necessidade de novas possibilidades para que seus objetivos interacionais sejam atingidos. Na esfera acadêmica, há alguns gêneros que medeiam as interações e são constituídos por enunciados. As teses e dissertações são enunciados cuja produção, circulação e divulgação dá-se nas instituições acadêmicas e, como todo o enunciado, são elos na cadeia da comunicação discursiva (Bakhtin, 2003), portanto constituem-se como respostas tanto a enunciados já ditos como a reações respostas antecipadas.

Tendo em vista que a linguagem é viva, que os sujeitos se constituem e constituem a linguagem nas interações de que participam, em que medida há espaço para a criação, subjetivação e autoria em produções discursivas tão formatadas como as que circulam na academia?

Para melhor compreender o que vem sendo denominado de investigação narrativa, pela comunidade acadêmica no âmbito mais amplo, vale trazer o que diz Reis sobre os procedimentos na realização de pesquisas dessa natureza:

Toda a investigação narrativa implica a recolha de diferentes vozes, a interpretação dessas vozes e a construção de uma história (o relatório da investigação) onde as narrativas dos investigados e as narrativas do investigador se fundem/entrecruzam para a compreensão de uma realidade social. O relatório de investigação narrativa constitui uma história que o investigador conta a si próprio e aos leitores, ou seja, um argumento construído através da articulação de um conjunto de dados que pretende interpretar retrospectivamente acontecimentos passados, atribuindo-lhes sentido no contexto específico em que decorreram. Para que esta história seja realista, deve incluir evidências e argumentos que apoiem a sua plausibilidade. (Reis, 2008, p. 6-7).

Para refletirmos sobre a narrativa como construção de conhecimento, na esfera acadêmica, mais especificamente na pós-graduação, tomaremos como referência a dissertação de mestrado de Proença, intitulada *Supervisão da Prática Pedagógica: percursos formativos em parceria e diálogo com os profissionais da educação* (Proença, 2014), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Como não é possível, no escopo deste artigo, fazer uma descrição e análise detalhadas dos vários aspectos da narrativa presentes no texto, nossa opção foi por destacar aspectos que consideramos relevantes, a título de contribuição para as reflexões sobre o uso da narrativa autobiográfica como perspectiva investigativa para construção de conhecimento na esfera acadêmica. Assim, apresentamos algumas singularidades e regularidades presentes na arquitetura dessa escrita narrativa e, na sequência, focalizamos a metanarrativa que evidencia o aprendizado no próprio processo da escrita, buscando compreender alguns dos significados atribuídos pela pesquisadora na construção de sua narrativa autobiográfica.

Passando para a forma composicional da pesquisa de Proença (2014), em um primeiro momento, consideramos relevante destacar que a pesquisadora constrói sua narrativa optando pela metáfora da viagem para dar a conhecer ao leitor seu processo de investigação, conforme sinalizado na seção introdutória denominada "convite", ao falar sobre o quinto capítulo, fica explícita tal metáfora:

Tomo da metáfora das Cidades Invisíveis de Ítalo Calvino (2003) para apresentar as experiências formativas que possibilitaram a investigação, para me ajudar a compreender os sentidos produzidos em trabalho, em duas cidades diferentes: a cidade de Anastácia e a cidade de Zoé.

Na arquitetura de sua dissertação, um aspecto que cabe ressaltar é a escolha de Proença por uma “analogia” de seu texto com um diário de viagem/ romance de viagem, o que nos remete ao que diz Benjamin (1987) sobre a figura do narrador como aquele que viaja para terras distantes e, no retorno, tem muito que contar do que experienciou. A partir dessa escolha, a narradora estrutura sua “história” em sete seções, quais sejam:

Um começo de conversa

1. As escolhas: trajetórias que nos constituem como sujeitos
2. Um encontro que mudou o rumo da minha história profissional: conquista para o resto da vida
3. Supervisão da Prática Pedagógica: as contradições de um conceito e o mundo da vida
4. As marcas de uma escolha perpetuam-se, mas também são transformadas em processo
5. Diário de viagem: algumas miradas possíveis
6. E o que a viajante leva na bagagem ao retornar para sua cidade?

A primeira seção, por mais que não receba o nome de introdução, cumpre claramente a função de situar o leitor quanto à natureza do texto como “acabamento” da pesquisa, como podemos ver já nas primeiras linhas:

Caro leitor,

Neste momento lanço-me a escrever-lhes com a intenção de contar sobre o caminho, o percurso percorrido na pesquisa, para que o texto possa dar-lhes a ver o processo vivido. Tarefa nada fácil, pois desta escrita o convite poderá lhes despertar o desejo de percorrer as próximas páginas ou simplesmente fazê-los desistir, o que me deixaria deveras triste.

Então, este texto não é uma introdução, mas sim um convite. Simples assim.

Vale destacar que, para além da finalidade de uma introdução formal (rechaçada textualmente), a narradora começa fazendo uma interpelação aos leitores e caracteriza essa seção como um convite à leitura da sua história dessa viagem que envolve os mundos da vida, da cognição e da estética (Bakhtin, 2010). É possível ver relações dialógicas do tom dado por de Proença na introdução da dissertação com o trabalho de Prado, quando interpela os leitores:

Justifico minha opção pela narrativa. É claro que também não deixo de dar as referências ao leitor mais acadêmico. Mas procurem ouvir e ler esta experiência relaxados, sem pressa, despreocupados. Ela terminará logo... (Prado, 1992, p. 2).

Por outro lado, constam, nesse “começo de conversa”, elementos constitutivos das dissertações como tema, objetivo, escolhas metodológicas e a sinalização do que será apresentado em cada capítulo, ou seja, a autora não perde de vista o propósito discursivo maior dessa seção introdutória.

Na segunda seção, que corresponderia ao capítulo 1, a narradora, assumindo também os papéis de escritora e personagem, apresenta seu memorial de formação, o qual é parte constitutiva das dissertações e teses produzidas no GEPEC, na perspectiva da investigação narrativa.

A autora rememora sua trajetória pessoal e profissional, nessa viagem para dentro de si mesma e, ao rememorar, vai se constituindo como professora-supervisora-formadora:

No exercício de compreender como me tornei professora, formadora de professores, coordenadora pedagógica e militante da educação; escarafuncho lembranças guardadas na memória, registradas nos álbuns de família e nos poucos guardados de minha mãe dos meus tempos iniciais de escola. Essa viagem dentro de mim mesma vai me revelando peças escondidas, antes não compreendidas, que me ajudam a entender as escolhas profissionais que fui fazendo no decorrer de minha história de vida. (Proença, 2014, p. 8).

Entendendo a experiência na perspectiva de Larrosa (2002, p. 21), como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, Proença vai tecendo, a partir dos (guar)dados de sua trajetória de vida, de estudo e de trabalho, as vivências que vão lhe constituindo como pesquisadora

Hoje entendo melhor que a pesquisa da prática profissional é essencial. Naquele tempo não achava possível pesquisar a própria prática, hoje encontro na metodologia da pesquisa narrativa autobiográfica o caminho que me agrada percorrer. Narrar minha experiência vai me ajudando a compreender melhor o processo que vivi e me tornou a profissional que hoje sou. (Proença, 2014, p. 25).

A aridez, a formalidade e a sisudez do gênero dissertação são quebradas pela fluidez de um texto que tangencia o literário e vai conduzindo o leitor a se embrenhar pela trajetória de pesquisa da autora.

Tanto as escolhas lexicais, que remetem aos relatos de viagens e textos memorialistas, quanto a arquitetônica do texto, nos remetem a gêneros da ordem do contar-se pouco usuais na esfera acadêmica e que borram as fronteiras entre os gêneros mais subjetivos como a autobiografia, o relato pessoal de viagem e mesmo textos literários nos quais a subjetividade pode emergir. Por outro lado, a intenção discursiva, o conteúdo temático e a posição dos interlocutores delimitam fronteiras e inserem o texto no gênero dissertação acadêmica.

Ao longo do texto, A abordagem do conteúdo temático vai se tecendo pelo agenciamento não aleatório ou livre de vozes. Por mais que em alguns momentos, Proença traga vozes da literatura, como nas epígrafes, e mesmo na arquitetura da dissertação, quando nomeia os campos de pesquisa lançando mão da metáfora das cidades invisíveis de Calvino, as vozes agenciadas deixam clara a filiação teórica à determinada corrente dos estudos acadêmicos. A fundamentação proveniente dos pressupostos do Círculo de Bakhtin se manifesta tanto nas citações de textos do próprio Bakhtin, quanto de seus comentadores. Além disso, a autora evidencia em suas escolhas lexicais a apropriação do pensamento bakhtiniano pelo uso recorrente de termos como diálogo/dialogia, vozes, interlocutores, escolha, encontro.

4. Significados atribuídos ao processo de escrita narrativa

Na sequência, apresentamos alguns excertos que manifestam as reflexões de Proença (2014) acerca de seu processo de escrita:

(1) *Ao refletir sobre a experiência, teorizo meu próprio conhecimento, podendo compor com as produções de outros profissionais da área educacional, sentidos que colaborem em propostas de formação continuada a serviço efetivo da escola e da qualidade de aprendizagem oferecida aos seus estudantes.* (p. 57)

(2) *Mais uma vez me surpreendo em como o processo de aprendizado vai se dando a ver no percurso da pesquisa.* (p. 69).

(3) *As histórias vividas na escola me ajudam a refletir melhor sobre as diversas situações que perpassam pelo cotidiano escolar e colaboram para ampliar meu olhar sobre esta instituição com a qual escolhi passar minha vida profissional.* (p. 70).

(4) *Voltar a esses registros do cotidiano me ajudou a encontrar alguns aspectos do que pode ser considerado uma prática supervisiva, incorporados nas ações cotidianas, dos quais eu não tinha consciência.* (p. 70).

(5) *Outro aspecto que me chama a atenção agora, distanciada do acontecimento, e me aproximando pelo registro, diz respeito à abertura para reflexão sobre o acontecido.* (p. 74).

(6) *Na enunciação de minhas próprias palavras, procuro melhor compreender os processos do trabalho produzido e me lanço a penetrar nas palavras, em escuta* (p. 127).

(7) Voltar aos registros da análise que fiz da leitura dos planejamentos das escolas, no cotidiano do trabalho, (re)analizando-os com os aportes bakhtinianos e a perspectiva da Supervisão da Prática Pedagógica, ajudou-me a perceber o quanto é necessário o processo de ir e vir. (p. 127).

(8) Até o momento da pesquisa, ao investigar minhas ações enquanto assessora pedagógica, não tinha clareza de como esses princípios se revelavam nas ações práticas. Sabia que eles faziam parte do meu discurso, falava sobre eles nas reuniões que coordenava, eles estão registrados nos objetivos das atividades desenvolvidas, mas não tinha percebido o quanto efetivamente se configuravam em minhas ações cotidianas. (p. 129).

(9) Embora os conflitos entre o grupo continuassem aparecendo, a tensão presente nos primeiros encontros ia dando lugar a um clima de maior integração, mas naquele tempo eu não havia percebido este aspecto. Apenas agora, vasculhando os materiais e relendo os registros que fazia após cada encontro, que pude perceber o quanto o coletivo daquele grupo ia se instituindo nos encontros de estudo e formação. (p. 181).

(10) Talvez seja essa a melhor das lições da pesquisa: enquanto narramos nossa vida no trabalho, aprendemos mais com ela e o desejo de compartilhar o aprendizado amplia-se. Escrever é realmente um processo transformador. (p. 189).

(11) Na pesquisa, não bastou recorrer à história vivida, foi necessário interlocução intensa com meus colegas pesquisadores e teóricos do GEPEC, com meu orientador, com os parceiros teóricos mais distantes, com os parceiros das escolas, com diversos outros. Através da interlocução frequente, fui apurando minhas concepções e princípios educacionais e, desta forma, a pesquisa foi ganhando caminhos e percursos. Aprendi que é fundamental um olhar informado para buscar os vestígios que não poderiam ser encontrados por um total desconhecedor. É preciso definir o que deseja encontrar, para perceber as pistas deixadas pelo caminho e traçar o percurso na caminhada. Na pesquisa, as viagens foram se constituindo em aprendizados que ficam na bagagem do viajante. O viajante pesquisador não é o mesmo depois de lançar-se a uma viagem, mesmo que esta seja dentro de si mesmo, porque uma experiência é sempre transformadora e deixa marcas nas escolhas futuras. Esse aspecto me revelou a potência formativa da pesquisa. Fui me transformando ao pesquisar, ao adentrar o universo da experiência, ao reconhecer nesta experiência os ganhos e perdas, as conquistas e dúvidas, os saberes e não saberes. Apresento aqui algumas lições do percurso, provisórias porque são aquelas que consigo perceber neste instante, mas que poderão ser reconsideradas futuramente com outras investigações e outras experiências. (p. 191-192).

O que podemos dizer, a partir da análise dos excertos, é que a narrativa, na perspectiva assumida pela narradora, possibilita evidenciar as ações que marcam o próprio processo de narrar no contexto de uma investigação acadêmica. As ações elencadas indicam que a narrativa potencializa as manifestações de situações cotidianas, que tomadas da rememoração (Benjamin, 1987) ou dos registros reflexivos produzidos pela narradora, favorecem uma reflexão situada e comprometida com o objetivo geral de pesquisa indicado na dissertação, qual seja, “compreender como se dão as relações de parceria e diálogo em situações de formação continuada, problematizando as estratégias da Supervisão da Prática Pedagógica de profissionais das redes de ensino.” (Proença, 2014, p. 2).

Neste sentido, o encontro de narrativas indicado por Reis (2008), parece-nos uma condição inequívoca das pesquisas autobiográficas, e desta pesquisa narrativa em particular. A narradora, além de narrar as ações que evidenciam seu processo de investigação, narra as situações que levaram-na a optar por narrar esta ou outra ações, no contexto narrativo assumido no desenvolver sua pesquisa.

A explicitação de algumas ações como *refletir, compreender, perceber, entender, aprofundar, descobrir, apurar, encontrar* evidenciam que a autora não só relata para que o leitor depreenda um conselho, mas também organiza a experiência e atribui sentido ao vivido por meio da autointerpretação (Bolívar, 2002), ou seja, ocorre um processo formativo. O uso da primeira pessoa é uma marca linguística da presença da subjetividade, que, para Bolívar (2002), é uma condição necessária e um modo privilegiado de construir conhecimento em um processo dialógico.

Podemos também dizer que a narrativa, enquanto prática discursiva no contexto da pesquisa qualitativa em educação favorece o desenvolvimento pessoal e profissional de pesquisadores que tomam sua própria prática, enquanto profissionais da educação, para investigação.

No caso em questão, em que a narradora é uma assessora e supervisora de práticas educativas na formação de professores, ao tomar de suas ações cotidianas, materializadas em diferentes registros, ela “surpreende-se” com sua própria história profissional materializada na narrativa da pesquisa. E essa “surpresa” vai ganhando corpo e materialidade na própria narrativa produzida pela narradora-pesquisadora! À medida que realiza a leitura do narrado, passa a compreender-se no processo de trabalho e passa a compreender os limites e possibilidades das ações realizadas enquanto assessora e supervisora.

Como apontam Reis (2008) e Rabelo (2011), a pesquisadora realiza, em sua investigação narrativa, um duplo movimento de dar novos sentidos ao vivenciado ao mesmo tempo em que produz conhecimento sobre e a partir do vivido. E neste processo investigativo narrativo transforma não só suas vivências em

experiências vividas, como indica-nos Benjamin em relação aos narradores, como também se transforma enquanto pessoa e profissional, ao ver sua narrativa dar novos sentidos ao seu trabalho de assessora e supervisora das práticas pedagógicas.

E não podemos deixar de mencionar a potencialidade da narrativa enquanto procedimento teórico-metodológico, que favorece a explicitação do vivido como também possibilita a teorização do vivido, transformando-o em conhecimento acadêmico. As perspectivas associadas à investigação narrativa favorecem que profissionais da educação, em programas de pós-graduação em educação, tomem de suas próprias experiências e práticas profissionais e as constituam como arquivo de conhecimentos e saberes a serem problematizados e teorizados a favor da produção de um conhecimento implicado e socialmente relevante (Prado; Morais, 2011).

5. Considerações finais

A dissertação de Proença constitui-se um enunciado do discurso acadêmico na medida em que, por um lado, materializa a compreensão responsiva ativa da autora a outros enunciados da mesma esfera, como as referências citadas e outras produções dos pesquisadores do próprio grupo de pesquisa. Por outro lado, o enunciado de Proença entrou na corrente da comunicação verbal, na interação formalizada pela defesa, evento no qual a dissertação foi submetida à avaliação por pesquisadores da instituição universidade e recebeu respostas que evidenciaram uma compreensão alinhada ao horizonte apreciativo a partir do qual a autora produziu sua pesquisa, optando pela investigação narrativa.

Assim, a narrativa autobiográfica revela-se como alternativa de pesquisa qualitativa, na pesquisa em educação, tendo em vista que a experiência humana, como diz Rabelo (2011, p. 13). “só pode ser interpretada de maneira qualitativa”.

E essa interpretação qualitativa da vida do narrador é potente na produção de um conhecimento acadêmico situado historicamente e materializado a partir de uma prática discursiva narrativa.

Como, para Bakhtin (2010), o sujeito não possui álibi para não ser o que é, o pesquisador, ao narrar sua trajetória de pesquisa, assume uma postura de responsividade ética frente aos sujeitos da pesquisa, à comunidade acadêmica e a si mesmo, gerando uma investigação narrativa assentada em uma narrativa de pesquisa e em dados narrativos produzidos ao longo de suas vivências pessoais e profissionais.

A assessora e supervisora de práticas pedagógicas, ao tomar as vivências e experiências narrativas de sua vida profissional e organizá-las a partir do foco

narrativo escolhido na investigação, narra na investigação não só o processo de atribuir novos e outros sentidos no diálogo com seus outros e o aporte teórico, como também narra a investigação que narrativamente é constituída e que gera uma narrativa possível na trama de vidas entrelaçadas e entretecidas da qual faz parte enquanto profissional da educação.

Notas

- ¹ "Fundada em 1940, a **Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)** é o órgão responsável pela normalização técnica no país, fornecendo a base necessária ao desenvolvimento tecnológico brasileiro." Disponível em http://www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=929 Acesso em 27/06/2014.
- ² Conforme consta na missão deste órgão, é de sua responsabilidade: "Prover a sociedade brasileira de conhecimento sistematizado, por meio de documentos normativos, que permita a produção, a comercialização e uso de bens e serviços de forma competitiva e sustentável nos mercados interno e externo, contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico, proteção do meio ambiente e defesa do consumidor." Disponível em http://www.abnt.org.br/m3.asp?cod_pagina=951 Acesso em 27/06/2014.

Referências Bibliográficas

- Bakhtin, M. M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. [1920-24/2010]. *Por uma filosofia do ato responsável*. [Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Benjamin, W. (1987). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e a história da cultura* (pp. 197-221). (Obras Escolhidas, Vol. I). São Paulo: Brasiliense.
- Bolivar Botia, A. (2002). "De nobis ipsis silemus?": epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, v. 4, n. 1.
- Galvão, C. (2005). Narrativas em educação. *Ciência & Educação*. v. 11 (2), 327-345. [Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf> Acesso em 24/02/2014].
- Prado, G. V. T.; Soligo, R. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação... [Disponível em http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf Acesso em 10/02/2014].
- Prado; G. V. T.; Moraes, J. F. S. (2011). Inventário: organizando os achados de uma pesquisa. *EntreVer*, (PP. 137-154). Florianópolis, v. 01, n.01, 137-154.
- Proença, H. H. D. M. (2014). *Supervisão da prática pedagógica: percursos formativos em parceria e diálogo com os profissionais da educação*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.
- Rabelo, A. O. (2011). A importância da investigação narrativa na educação. *Educ. Soc.*, v. 32, n. 114, 171-188, jan.-mar. [Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a11v32n114.pdf>. Acesso em 20/02/2014].
- Reis, P. R. (2008). As narrativas na formação de professores e na investigação em educação. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, 17-34, jan./dez.

Nara Caetano Rodrigues

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Colégio de Aplicação
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil
Email: nacaetano@yahoo.com.br

Guilherme do Val Toledo Prado

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Departamento de Ensino e Práticas Culturais
Campinas, São Paulo, Brasil
Email: gvptoledo@gmail.com

Correspondência

Nara Caetano Rodrigues
Rua Vereador Ramon Filomeno, 255, ap 503
Bloco Baía Norte – Bairro Itacorubi
CEP 88034-495 – Florianópolis
Santa Catarina-Brasil

Data de submissão: Março de 2014
Data de avaliação: Setembro de 2014
Data de publicação: Abril 2015